

CRISE

Mesmo com ataque, o ideal é a negociação

Especialistas sugerem o caminho do diálogo diplomático para evitar mais prejuízo

» RENATA GIRALDI

Marcelo Ferreira/CB/D.A. Press

Especialistas em relações internacionais e diplomatas acompanham perplexos os desdobramentos da crise aberta pela decisão do presidente norte-americano, Donald Trump, de sobretaxar os produtos brasileiros em 50%. Para eles, não restam dúvidas de que há uma ingerência direta na soberania nacional, diante das críticas ao julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro sob suspeita de comandar um golpe de Estado, e que uma resposta firme deve ser dada pelo governo Luiz Inácio Lula da Silva. Porém, defendem espaço para negociações pela via diplomática, como ocorreu no passado, com o aço.

“Ao opinar publicamente sobre um processo que tramita no Supremo Tribunal Federal, ele rompe com o princípio da não intervenção — um dos pilares da diplomacia brasileira e latino-americana”, afirmou Luciano Muñoz, coordenador do Grupo de Pesquisa em Política Externa Brasileira e professor de relações internacionais do CEUB.

Antônio Jorge Ramalho, professor de Relações Internacionais da Universidade de Brasília (UnB), disse que a reação de Trump era uma questão de tempo. “Demorou até que esse movimento chegasse ao Brasil, mas estava claro que chegaria. O governo brasileiro foi muito hábil ao negociar discretamente, até agora, o adiamento de tarifas que ferissem setores específicos da economia brasileira”, completou.

Por meio da rede social X (ver box), Lula respondeu Trump, ameaçando adotar a chamada “reciprocidade” no que refere às ações comerciais, em que há a imposição de taxas de até 50% à produção brasileira. Na prática, significa que a mesma medida será adotada sobre os produtos norte-americanos — sobre-taxação em percentual igual ao referido pelo governo dos EUA. Também reiterou que Bolsonaro é réu em processo judicial, conduzido pelo Supremo Tribunal Federal (STF), Poder independente do Executivo.

Segundo Antônio Jorge, Trump ultrapassou limites, indo muito além do que um chefe de Estado estrangeiro pode fazer com outro. “Fica evidente o descompromisso com a verdade e a motivação



Itamaraty diz que carta de Trump é “ofensiva”, mas especialistas defendem caminho da conciliação



Se houver qualquer tentativa de condicionar o recuo nas tarifas ao desfecho do processo contra Bolsonaro, estaríamos diante de uma grave violação da soberania brasileira”

Luciano Muñoz, professor de relações internacionais

casuística do ato. Mas esse movimento é mais grave na aparência do que na substância. A carta do presidente dos EUA coleciona mentiras de forma grosseira e não atende ao que se espera da relação entre chefes de Estado.”

Para Muñoz, faz parte da

estratégia do republicano pressionar por meio de ferramentas econômicas e comerciais, sem distinguir temas políticos e de ordem interna. “O governo Trump costuma utilizar tarifas não apenas por razões comerciais, mas como ferramenta de pressão política em outros temas. Foi assim com o México, pressionado com a ameaça de tarifas para cooperar mais na questão migratória. Agora, a estratégia se repete com o Brasil: a tarifa entra em vigor em 1º de agosto, funcionando como mecanismo de pressão para forçar alguma resposta ou concessão”, observou.

Alternativas

Para os especialistas ouvidos pelo **Correio**, o governo Lula terá duas alternativas a adotar diante da pressão de Trump. Uma será a retaliação direta, agravando a crise e causando repercussões na economia nacional como um todo, com riscos da alta cada vez maior do dólar, de despencarem as ações das empresas brasileiras e de prejuízos em distintos setores — sobretudo

agronegócios e de peças da Embraer. A outra opção, que consideram a mais adequada, é a negociação diplomática, abrindo espaço para o diálogo.

“O Brasil terá que escolher entre duas saídas principais: retaliar ou negociar. A retaliação direta, como fez a China durante a guerra comercial com os EUA, parece improvável. O país não tem o mesmo peso econômico ou instrumentos de resposta. Além disso, retaliar com aumento de tarifas sobre produtos americanos poderia gerar inflação interna, algo sensível para o governo atual, que já enfrenta pressões sobre sua política econômica”, ressaltou Muñoz.

Para Antônio Jorge, é fundamental o equilíbrio para manter a situação sob controle. “Dependerá da resposta do governo brasileiro. No curto prazo, se for firme e sóbria em defesa da soberania nacional, o assunto sairá de pauta mais rapidamente. Alguns setores sofrerão danos pontuais, que poderão ser compensados pela política de comércio exterior”, concluiu.

Leia mais na página 8

NAS ENTRELINHAS

Por Luiz Carlos Azedo



luizazedo.df@dabr.com.br



Trump escala estresse com Lula e anuncia tarifaço de 50% ao nosso comércio

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, escalou seu estresse político e diplomático com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva, por causa do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, das decisões do Supremo Tribunal Federal (STF) que exigem mais responsabilidades das redes sociais e da atuação do Brasil no Brics — que se reuniu no fim de semana no Rio de Janeiro, sob a presidência do Brasil. Em decisão inédita em relação ao comércio entre os dois países, ontem, mandou uma carta desafiadora ao chefe do Planalto, na qual anunciou um aumento de 50% nas tarifas cobradas sobre produtos brasileiros, a partir de 1º de agosto.

Antes de a carta ser encaminhada, a embaixada dos EUA no Brasil já havia emitido uma nota manifestando defesa e apoio a Bolsonaro e sua família diante das recentes investigações e seu julgamento pelo Supremo. A declaração teve muita repercussão e aumentou a tensão diplomática entre as duas nações. Em resposta, o Ministério das Relações Exteriores convocou o encarregado de negócios da Embaixada dos Estados Unidos no Brasil, Gabriel Escobar, para prestar esclarecimentos sobre as críticas à Suprema Corte e manifestação de apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro (PL).

Ao justificar a elevação da tarifa sobre o Brasil, na carta enviada a Lula, Trump citou Jair Bolsonaro e disse ser “uma vergonha internacional” o julgamento do ex-presidente. afirmou que a decisão de aumentar as tarifas foi tomada “em parte devido aos ataques insidiosos do Brasil contra eleições livres e à violação fundamental da liberdade de expressão dos americanos”. A tarifa de 50% será aplicada sobre “todas e quaisquer exportações brasileiras enviadas para os EUA, separada de todas as tarifas setoriais existentes”. Produtos como o aço e o alumínio já enfrentam tarifas de 50%, o que impacta diretamente a siderurgia brasileira.

No texto, Trump faz uma avaliação das relações comerciais entre os dois países completamente absurda, porque a balança comercial entre os dois países é superavitária em favor dos Estados Unidos, desde 2009. Ao longo desse período, as vendas americanas ao Brasil superaram suas importações em US\$ 88,61 bilhões (R\$ 484 bilhões na cotação atual). “Por favor, entenda que essas tarifas são necessárias para corrigir os muitos anos de tarifas e barreiras tarifárias e não tarifárias do Brasil, que causaram esses déficits comerciais insustentáveis contra os EUA. Esse déficit é uma grande ameaça à nossa economia e, de fato, à nossa segurança nacional”, disse. Isso não é verdade, mas pouco importa para Trump.

Ao que tudo indica, o gatilho para a escalada do norte-americano foi a reunião do Brics no Rio de Janeiro, cuja presidência foi assumida por Lula, que é a favor do multilateralismo e da criação de uma moeda para a troca entre os onze países que participam do grupo: Brasil, Rússia, Índia, China, África do Sul, Arábia Saudita, Egito, Emirados Árabes Unidos, Etiópia, Indonésia e Irã. Trump reagiu fortemente à proposta e ameaçou impor tarifas a quem abdicasse do dólar como moeda franca.

Disputa interna

A escala de tensão com Lula tem muita repercussão interna, porque o ex-presidente Jair Bolsonaro e seus aliados, como o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), apoiam Trump incondicionalmente. Além disso, não existe um consenso nacional em relação à diplomacia pessoal do petista, apesar de a política externa brasileira manter sua coerência de independência e relacionamento com todos os países, em defesa dos nossos interesses. A oposição defende o alinhamento automático com Trump, o rompimento das relações com a Venezuela, o apoio à Ucrânia contra a Rússia e endossa a limpeza étnica em Gaza e o massacre de palestinos por Israel. O deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) se licenciou da Câmara para articular, com sucesso, essa crise com a Casa Branca, em apoio aberto a Bolsonaro.

Mesmo sem a presença dos presidentes da China, Xi Jinping, e da Rússia, Vladimir Putin (existe uma ordem de prisão contra ele), a reunião dos Brics incomodou a Casa Branca, seja pelas declarações de Lula de que Trump não deveria meter o nariz por aqui, seja por causa da proposta de criação de nova moeda entre seus países, a exemplo do euro. Até aqui, o Brasil estava fora da linha de fricção dos Estados Unidos com países que sempre foram seus aliados, como México e o Canadá, por exemplo. Agora, o jogo mudou: Donald Trump meteu a colher na política brasileira, o que estava escrito nas estrelas, mas era mais previsível que ocorresse nas eleições de 2026.

O encontro do Brics proporcionou maior aproximação de Lula com dois grandes aliados dos EUA na Ásia: o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, e o presidente da Indonésia, Prabowo Subianto, que realizaram suas visitas de Estado, em Brasília, após a reunião do bloco. O presidente Lula reiterou o compromisso com a multipolaridade, a reforma das instituições multilaterais e a defesa de uma cooperação Sul-Sul mais robusta. Para o chefe do Executivo, o Brasil deve agir como ponte entre mundos, recusando alinhamentos automáticos e reafirmando sua soberania em todos os campos — do ambiental ao financeiro. Entretanto, não combinou com Trump, cujo gesto foi interpretado como uma tentativa de desestabilizar a liderança brasileira e enfraquecer a coesão do grupo.

Destaque internacional

Reprodução/NY Times

Os principais jornais estrangeiros destacaram o confronto dos Estados Unidos com o Brasil. A decisão do governo Donald Trump de sobretaxar os produtos brasileiros em 50% e acusar a gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva de “caça às bruxas” contra seu antecessor Jair Bolsonaro virou manchete no *The Guardian*, do Reino Unido, no *El País*, da Espanha, *El Clarín* e *La Nación*, da Argentina, e nos norte-americanos *The Washington Post* e *The New York Times*.

O *The Guardian* ressaltou “Donald Trump anunciou uma tarifa de 50% sobre as atuais do Brasil em uma carta publicada nas redes sociais na qual começou reclamando da perseguição ao seu aliado, o ex-presidente Jair Bolsonaro”. O *El País* publicou que a sobretaxação do governo norte-americano aos produtos brasileiros se deve à retaliação pelo tratamento dispensado pelo governo Lula a Bolsonaro, acusado de liderar um golpe de Estado.

El Clarín escreveu “Trump impõe 50% nas tarifas ao Brasil agravando disputa com Lula”, enquanto o *La Nación* colocou na manchete “Briga aberta entre dois pesados” — “Trump impõe tarifa de 50% ao Brasil, aprofundando sua rivalidade com Lula”.

Os jornais norte-americanos *The Washington Post* e *The New York Times* enfatizaram que as tensões entre Brasil e Estados Unidos “explodiram”. A emissora

Trump Pledges 50% Tariffs Against Brazil, Citing ‘Witch Hunt’ Against Bolsonaro

Tensions between the United States and Brazil have suddenly burst open. Responding to criticism from President Trump, Brazil’s president said: “We don’t want an emperor.”



The NY Times falou sobre a “caça as bruxas” em defesa de Bolsonaro

norte-americana *NBC News* destacou que uma gota d’água para a decisão de Trump foi o julgamento de Bolsonaro suspeito de liderar a derrubada da gestão do PT.

A Press TV, emissora oficial de televisão do Irã, não informou o assunto, assim como a agência pública de notícias da China, a Xinhua. Tanto a China quanto o

Irã pertencem ao Brics ao lado do Brasil, portanto são parceiros naturais e formais. O mesmo ocorreu com a Tass, a agência de notícias do governo da Rússia, outra aliada no bloco econômico. Para especialistas, a explicação pode estar no fuso horário: nesses países a decisão de Trump chega de madrugada. (RG)

Redes sociais, o novo campo de batalha

» A guerra aberta pelo presidente dos EUA, Donald Trump, ao governo Lula foi deflagrada pelas redes sociais. O norte-americano endereçou uma carta ao brasileiro e postou na Truth Social, seu canal de comunicação mais usual. Ali, ele fez críticas à condução do julgamento do ex-presidente Jair Bolsonaro, ao que chamou de “caça às bruxas” e avisou sobre o aumento de 50% nas taxas dos produtos brasileiros.

» Nos últimos anos, chefes de Estado e de governo têm se comunicado por meio das redes sociais, como se os canais diplomáticos e mesmo os telefonemas tenham ficado em segundo plano. Mudou a forma de “diálogo”, uma vez que por esse sistema, um fala, o outro “lê” e “responde” a seu tempo.

» Lula não ficou atrás, aguardou o fim da reunião de emergência no Palácio do Planalto para tratar sobre o tema, e logo enviou sua mensagem para Trump, também pelas redes sociais. Pelo X, o brasileiro rebateu ponto a ponto a carta divulgada pelo norte-americano.

» Reiterou a possibilidade de adotar a reciprocidade e ressaltou que julgamentos no âmbito judicial no Brasil não têm interferência do governo, são independentes. (RG)